2013
Cultura artística
JOSHUA BELL Violino
ALESSIO BAX Piano

97%

das empresas globais listadas na Fortune 500

Obtêm melhores resultados com Oracle

ORACLE®

oracle.com/industries
ou ligue para 0800 891-4433

Copyright © 2013, Oracle e/ou suas afiliadas. Todos os direitos reservados. Oracle e Java são marcas registradas da Oracle e/ou de suas afiliadas.
Outros nomes podem ser marcas comerciais de seus respectivos proprietários.

O Ministério da Cultura e a Cultura Artística apresentam

JOSHUA **BELL** Violino

ALESSIO **BAX** Piano

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

Certa vez, perguntaram a Joshua Bell se o violino teria uma sonoridade judaica. Sem hesitar, ele evocou um dito corrente em Israel: se avistarmos um sujeito andando sem a caixa do violino, é porque ele toca piano... Na mesma entrevista, concedida ao periódico sabra *Hadassah*, ele lembra que houve um tempo em que praticamente todos os violinistas eram judeus; e ele, ainda que distante do folclórico modelo de Chagall, continua a tradição de Yehudi Menuhin, Jascha Heifetz, Isaac Stern, Itzhak Perlman e Pinchas Zukerman.

Com frequência chamado de "o poeta do violino" e "superstar clássico", Bell nasceu em 1967, em Bloomington, uma cidade de Indiana que por acaso abriga uma das mais prestigiadas escolas de música do país, a Indiana University Jacobs School of Music. Quando, aos quatro anos, foi flagrado brincando com uma engenhoca que construíra amarrando elásticos entre os puxadores da cômoda, tentando reproduzir a melodia que sua mãe acabara de executar ao piano, seus pais lhe deram um violino. Estudante excepcional, o jovem dedicou-se ao instrumento, mas levou uma vida prosaica, jogando video games e se sobressaindo nos esportes, sobretudo o tênis.

Estudou com Mimi Sweig e o célebre violinista e professor Josef Gingold, cuja pedagogia tolerante e descontraída reforçava a vontade dos pais de proporcionar ao filho uma infância como qualquer outra. Cedo, porém, o menino mostrou a que veio: estreou como solista aos sete anos, com a orquestra Sinfônica de Bloomington; aos catorze, despontou como solista da Orquestra de Filadélfia, sob a direção de Riccardo Muti; e, aos dezessete, apresentou-se no Carnegie Hall, com a Sinfônica de St. Louis. Desde então sua carreira vem conhecendo uma ascensão notável, a ponto de *The Washington Post* ter publicado sobre ele uma *boutade* elogiosa, dizendo que ele "leva vantagem quando comparado a outros instrumentistas com o dobro da sua idade. Incluindo os mortos."

Adolescente, era fã de rock, gostava do Genesis e também de jazz, gênero que o atrai até hoje. Além de tocar peças de compositores contemporâneos, trabalha com músicos que não pertencem à esfera da música clássica, como Chick Corea, Wynton Marsalis e James Taylor. Dotado de um poder de comunicação assombroso, Bell é constantemente requisitado pelos programas de tevê; foi um dos primeiros instrumentistas de música clássica a aparecer no VH1, canal voltado aos jovens.

O artista vem colecionando uma série de distinções, não só como instrumentista, mas também por suas atividades filantrópicas. Em 1986, recebeu o prêmio Avery Fisher Career Grant e, em 2007, o Avery Fisher, para instrumentista. Dele, já se disse que, quando toca, "revela aos seres humanos por que vale a pena viver". (*Interview Magazine*)

À vontade tanto como solista, músico de câmara e maestro, desde maio de 2011 é diretor artístico da St. Martin in the Fields, da Inglaterra, uma das mais celebradas orquestras de câmara em atividade no mundo: "É uma experiência enriquecedora. O ato de reger certamente faz de mim um músico melhor", ele revelou em entrevista recente ao jornal *O Globo*.

Seu feito mais conhecido foi a experiência inusitada que lhe propôs o colunista Gene Weingarten, do *Washington Post*, em janeiro de 2007. Durante 43 minutos, em ple-

JOSHUA **BELL**

no horário de pico do tráfego matinal, o artista executou seis peças clássicas numa movimentada estação de metrô na capital federal. Das 1097 pessoas que por lá passaram, 27 deram alguns trocados e apenas sete pararam para escutar. Conseguiu um total de 32,17 dólares, descontados os vinte que ganhou da única pessoa que o reconheceu. O texto de Weingarten, "Pérolas depois do café da manhã", valeu ao jornalista o Pulitzer daquele ano. Gravada e postada no youtube, a performance teve mais de 4 milhões de visualizações.

Joshua Bell grava exclusivamente pelo selo Sony Classics; é representado pela IMG Artists LLC, Carnegie Hall Tower, 152 West 57th Street, 5th Floor, New York, NY 10019.

FOTO ERIC MABIK

SAIBA MAIS

Bell gravou cerca de quarenta CDs (sozinho ou em colaboração), muitos dos quais receberam indicações para o Grammy; seu disco *Romance of the Violin*, de 2003, vendeu na ocasião mais de 5 milhões de cópias, tendo permanecido na lista dos *bestsellers* durante 54 semanas.

Cultura artística TEMPORADA 2013

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCINADORES MASTER

CREDIT SUISSE

ESTADÃO

PATROCINADORES PLATINA

Safra

CENTER NORTE
O SHOPPING DA FAMÍLIA

Itaú

Votorantim Cimentos

ORACLE

PROJETOS EDUCATIVOS

PATROCINADORES OURO

BAIN & COMPANY

BARBOSA, MÜSSNICH & ARAGÃO
ADVOGADOS

BUNGE

PINHEIRONETO
ADVOGADOS

oi

oi FUTURO

Morlan

MACHADOMEYER
MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

SUZANO

ULTRA

IGUATEMI
SÃO PAULO

PATROCINADORES PRATA

AURORA
fine brands since 1946

Grupo Promon

IOCHPE-MAXION

NEOGAMA·BBH

TOLEDO

UNIGEL

VEDACIT
IMPERMEABILIZANTES

PATROCINADORES BRONZE

CASTWORK
Humanizamos a tecnologia

Leo

NERY
ADVOGADOS

Cisa Trading

RP Rosenberg Partners

PROMON LOGICALIS
Business and technology working as one

livraria cultura

ELECTRO PLASTIC
ALTA TECNOLOGIA EM FILMES E EMBALAGENS

TERRA NOVA
TRADING S.A.

REALIZAÇÃO

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

CULTURA ARTÍSTICA
Rua Nestor Pestana, 125, Cj. 12 01303-010 São Paulo SP Brasil
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br

ALESSIO **BAX**

DIVULGAÇÃO

Nascido em Bari, na Itália, em 1977, Alessio Bax graduou-se aos catorze anos, com as máximas honrarias, no conservatório de sua cidade natal, onde estudou sob o metrônomo de Angela Montemurro. Na França, foi discípulo de François-Jöel Thiollier; em Siena, frequentou as aulas de Joaquín Achúcarro, seguindo o mestre quando este se transferiu para Dallas.

"Talvez o mais elegante dos pianistas jovens de hoje", nas palavras da sofisticada revista *New Yorker*, Bax "estraçalha o teclado, transformando as teclas em esculturas sonoras que iluminam a plateia", como complementa a *Time Out New York*. O artista recebeu inúmeros prêmios, entre os quais o Leeds de 2000, e o Avery Fisher Career Grant em 2009. Apresentou-se como solista com mais de cem orquestras, entre as quais a Filarmônica de Londres e a Filarmônica Real; a Sinfônica NHK, do Japão; a Filarmônica de São Petersburgo, com Yuri Temirkanov; a Sinfônica de Birmingham, com Sir Simon Rattle.

Bax é casado com a pianista canadense Lucille Chung, a quem conheceu em 1997 num concurso internacional de piano, no Japão — o Hamamatsu, que lhe conferiu o primeiro lugar. O casal vive em Nova York e com frequência divide o mesmo palco em turnês e festivais ao redor do mundo. Lucille, ao discorrer como é tocar com o marido, diz: "Há uma confiança absoluta entre nós, e pensamos de modo tão igual que não pronunciamos palavra enquanto ensaiamos". Os dois são diretores artísticos da Fundação Joaquín Achúcarro, em Dallas, que desenvolve um trabalho de suporte para os estudantes de piano.

Alessio Bax grava pela Warner Classics e pela Signum Classics.

SAIBA MAIS

Com sete CDs em sua discografia (tendo gravado Rachmaninov, Bach, Mozart, Bach e Ligeti, entre outros), seu próximo lançamento, previsto para esse segundo semestre de 2013, com Lucille Chung, trará a versão original para quatro mãos do balé *Petrushka*, de Stravinski, bem como peças de Brahms e Piazzolla.

Teatro Cultura Artística

Agradecemos a todos que têm contribuído, de diversas maneiras, para o esforço de construção do novo Teatro Cultura Artística.

PATROCINADORES

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Bradesco

BNDES

CREDIT SUISSE

SEMP TOSHIBA

PRINCIPAIS DOADORES

(R$ 5.000,00 ou mais)

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Aggrego Consultores
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Arnaldo Malheiros
Arsenio Negro Jr.
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Bicbanco
Bruno Alois Nowak
Calçados Casa Eurico
Camargo Correa
Camilla Telles Ferreira Santos
Carlos Nehring Netto
CCE
Center Norte
Cláudio e Rose Sonder
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elias Victor Nigri
Elisa Wolynec
EMS
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Fanny Ribenboin Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sylvia Pinho de Almeida
Francisca Nelida Ostrowicz
Francisco H. de Abreu Maffei
Fundação Filantrópica Arymax
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Heinz J. Gruber
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Idort/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcântara Machado de Oliveira
Jorge Diamant
José Carlos e Lucila Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Ephim Mindlin
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Livio De Vivo
Luís Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
Mahle Metal Leve
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Helena de Albuquerque Lins
Marina Lafer
Mário Arthur Adler
Martha Diederichsen Stickel
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Natura
Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oi Futuro
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Polimold Industrial S.A.
Porto Seguro
Raphael Pereira Crizantho
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Richard Barczinski
Roberto Baumgart
Roberto e Luizila Calvo
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Silvia Dias Alcântara Machado
Stela e Jayme Blay
Suzano
Tamas Makray
Theodoro Jorge Flank
Thomas Kunze
Thyrso Martins
Unigel
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Vivian Abdalla Hannud
Volkswagen do Brasil Ind. de Veículos Automotores Ltda.
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
3 Doadores Anônimos

Gostaríamos de agradecer também as doações de mais de 200 empresas e indivíduos que contribuíram com até R$ 5.000,00. Lamentamos não poder, por limitação de espaço, citá-los nominalmente.

REALIZAÇÃO

Cultura Artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Cultura artística

AMIGOS DA CULTURA ARTÍSTICA

Agradecemos a todos que contribuem para tornar realidade os espetáculos e projetos educativos promovidos pela Cultura Artística.

MANTENEDORES

Adélia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Aluízio Rebello de Araújo
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Carlos Eduardo Mori Peyser
Carlos Nehring Netto
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Cristian Baumgart Stroczynski
Cristina Baumgart
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fernando Eckhardt Luzio
Francisco H. de Abreu Maffei
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique e Michelle Tichauer
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jean Claude Ramirez
Jorge Takla
José Carlos Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
José Thales S. Rebouças
Kalil Cury Filho
Karin Baumgart Srougi
Lea Regina Caffaro Terra
Lina Saigh Maluf
Lucia Hauptman
Luís Stuhlberger
Marcelo Pereira Lopes de Medeiros
Marcia Igel Joppert
Marcos Baumgart Stroczynski
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mário Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Jr.
Nelson Pereira dos Reis
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart
Paula e Hitoshi Castro
Paulo Bruna
Pedro Barros Barreto Fernandes
Pedro Herz
Pedro Stern
Raul Sergio Hacker
Regina e Gerald Reiss
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Baumgart
Roberto e Luizila Calvo
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Ruy Souza e Silva
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sandra Arruda Grostein
Silvia e Fernando Carramaschi
Stela e Jayme Blay
Tamas Makray
Thomas Kunze
Ursula Baumgart
Vivian Abdalla Hannud
Wolfgang Knapp
6 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram e Clarice Topczewski
Alberto Emmanuel C. Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Álvaro Oscar Campana
Ana Elisa e Eugenio Staub Filho
Ana Maria Malik
André Guyvarch
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Malaghini
Antonio Kanji Hoshikawa
Arnaldo Malheiros
Arnoldo Wald
Augusto Livio Malzoni
Calçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cassio Augusto Macedo da Silva
Claudia Annunziata G. Musto
Claudia Helena Plass
Claudia Proushan
Claudio Alberto Cury
Claudio Antonio Mesquita Pereira
Claudio e Selma Cernea
Consuelo de Castro Pena
Dario e Regina Guarita
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo Secchi Munhoz
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolynec
Eric Alexander Klug
Fábio Konder Comparato
Fany e Alberto Levy
Fernando K. Lottenberg
Francisco J. de Oliveira Jr.
Francisco Montano Filho
Galícia Empreend. e Participações Ltda.
Giancarlo Gasperini
Gustavo Henrique Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Heloisa e José Eduardo Martins
Henrique B. Larroudé
Horácio Mario Kleinman
Irene Kantor
Isaac Popoutchi
Issei e Marcia Abe
Izabel Sobral
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas da Silva
Jeanete e Bruno Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Jorge José Proushan
José Adolfo Pascowitch
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Francisco Kerr Saraiva
José Paulo de Castro Emsenhuber
José Theophilo Ramos Jr.
Júlia Menezes Profeta
Junia Borges Botelho
Karen Lisboa e Claudio Struck
Katalin Borger
Kristina Arnhold
Leo Kupfer
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Salomão
Livio De Vivo
Lourenço Augusto de Meireles Reis
Luci Banks Leite
Lúcia e Nemer Rahal
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Malú Pereira de Almeida
Marcello D. Bronstein
Marcelo de O. M. Diniz Junqueira
Marco Tullio Bottino
Marcos de Mattos Pimenta
Maria Helena Peres Oliveira
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Marilene Melo
Mario Roberto Rizkallah
Marta D. Grostein
Michael Haradom
Miguel Paulo Salomão Jardini
Natan e Irene Berger
Nélio Garcia de Barros
Nelson Vieira Barreira
Olavo Setúbal Jr.
Oscar Lafer
Paula Proushan
Paulo Cezar Aragão
Paulo Proushan
Paulo Roberto Pereira da Costa
Pedro Spyridion Yannoulis
Percival Lafer
Polia Lerner Hamburger
Raul Correa da Silva
Regina Weinberg
Renata e Sergio Simon
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Rubens Halaban
Sergio Gonçalves de Almeida
Silvia Dias Alcântara Machado
Suzana Pasternak
Thomas Frank Tichauer
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vavy Pacheco Borges
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
15 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Antonio Cardoso
Carmen Guarini
Celia Prado
Daniela e Frederico Carramaschi
Edoardo Rivetti
Eliana R. Marques Zlochevsky
Eugenio Suffredini Neto
Israel Sancovski
Lucila Pires Evangelista
Maria Francisca Sachs
Mauro André Mendes Finatti
Mity Hori Kato
Ricardo A. E. Mendonça
Ricardo Di Rienzo
Rodrigo O. Broglia Mendes
Rogério Woisky
Sergio Luiz Macera
6 Jovens Amigos Anônimos

Lista atualizada em 16 de agosto de 2013.

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223, escreva para amigos@culturaartistica.com.br ou visite www.culturaartistica.com.br/amigos.

JOSHUA **BELL**
ALESSIO **BAX**

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo, 31 de agosto, sábado, 21h

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo, 1º de setembro, domingo, 21h

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-91)

Sonata para piano e violino em sol maior, K. 301 ***c.* 17'**

I. Allegro con spirito
II. Allegro

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Sonata para violino e piano nº 9
em lá maior, op. 47 — Kreutzer ***c.* 37'**

I. Adagio sostenuto — Presto
II. Andante con variazioni
III. Finale — Presto

Intervalo

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

Sonata para violino e piano *c.* **14'**

I. Allegro vivo
II. Intermède — Fantasque et léger
III. Finale — très animé

EDVARD GRIEG (1843-1907)

Sonata nº 3 em dó menor para violino e piano, Op. 45 *c.* **24'**

I. Allegro molto ed appassionato
II. Allegretto espressivo alla Romanza
III. Allegro animato

Cultura Artística 2013

Próximos concertos — Sala São Paulo, 21h

GABRIELA MONTERO Piano

Série Branca, 18 de setembro, quarta-feira
Série Azul, 21 de setembro, sábado

BRAHMS Três intermezzi, op. 117
SCHUMANN Fantasia em dó maior, op. 17
MONTERO Improvisações

Ingressos à venda.

ORQUESTRA SINFÔNICA FINLANDESA DE LAHTI
OKKO KAMU Regência
ELINA VÄHÄLÄ Violino

Série Branca, 19 de outubro, sábado

SCHUMANN Manfred (Abertura)
BRUCH Concerto para violino nº 1
SIBELIUS Sinfonia nº 5

Série Azul, 20 de outubro, domingo

SIBELIUS Cassazione
SIBELIUS Concerto para violino
BEETHOVEN Sinfonia nº 4

Ingressos à venda a partir de 19/09.

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2013 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

4003 1212
ingressorapido.com.br
ingresso rápido
Sujeito a taxa de conveniência

Siga a Cultura Artística no Facebook
facebook.com/culturartistica

LeVicus

Morlan e Cultura Artística, uma parceria de excelência.

O CONCERTO DESTA NOITE

Irineu Franco Perpetuo
irineup@hotmail.com

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-91)
Sonata para piano e violino em sol maior, K. 301

Até se radicar em Viena, aos 25 anos de idade, em 1781, Wolfgang Amadeus Mozart teve uma rotina incessante de viagens. Na infância, seu pai, Leopold, levou-o às principais capitais da Europa, para maravilhar as cortes do continente com os prodígios do menino. Mais tarde, crescido e cansado do provincianismo de sua Salzburgo natal, o jovem compositor saiu à caça de oportunidades profissionais.

Um período de especial conflito entre Mozart e seu patrão, o arcebispo Colloredo, ocorreu em 1777, quando o músico pediu licença de suas funções em Salzburgo. Irritado, o prelado demitiu pai e filho, de uma só tacada. No fim, Leopold, então regente assistente da corte, manteve o emprego, enquanto Wolfgang partiu com a mãe em busca de um futuro melhor. Passando por Munique e Augsburgo, o musicista chegou a um dos principais centros musicais da época: Mannheim, onde ficou amigo de instrumentistas como o flautista Wendling, o oboísta Ramm, o fagotista Ritter e, especialmente, o violinista, compositor e regente Christian Cannabich (1731-98). Cannabich inventou técnicas novas de arco, sendo o principal responsável pelos efeitos de dinâmica, precisão nos ataques e apuro de conjunto que levou Leopold Mozart a considerar a orquestra de Mannheim "inegavelmente, a melhor da Europa".

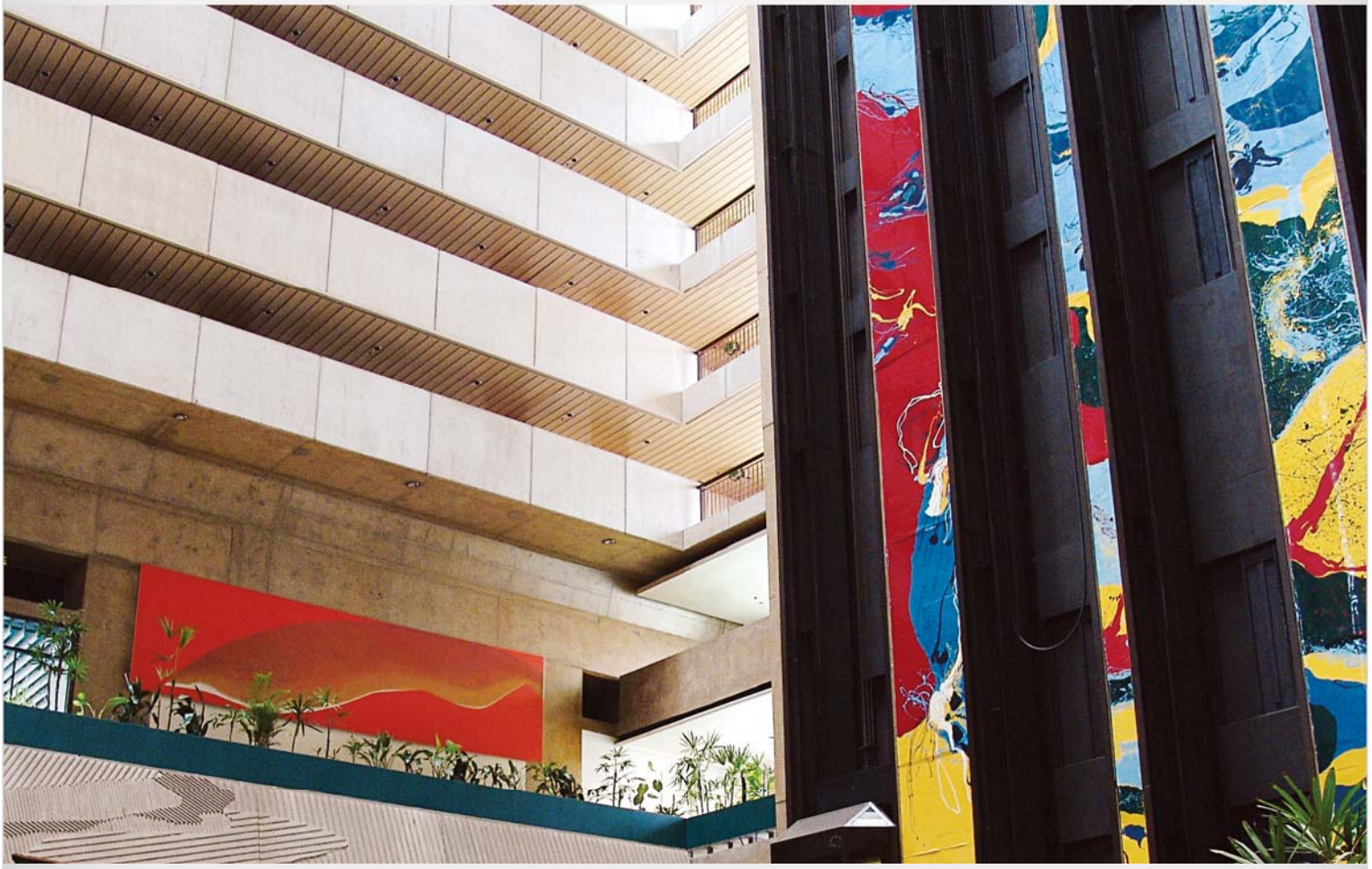
Aos 21 anos, Wolfgang parecia encarnar Cherubino, personagem de sua ópera *As bodas de Fígaro*, assediando incessantemente as mulheres com quem se deparava. Em Augsburgo, divertiu-se com a prima Maria Anna Thekla (apelidada Bäsle, ou seja, "prima", no dialeto da Suábia), com a qual mais tarde trocaria cartas ricas em referências escatológicas e vocabulário vulgar. Em Mannheim, encantou-se inicialmente com Elisabeth, filha de Cannabich, para depois se apaixonar por Aloysia Weber, "que canta lindamente, com uma linda e pura voz, e tem apenas quinze anos", conforme descreveu em carta ao pai. Mozart compôs árias para Aloysia, acalentando o projeto de excursionar com ela pela Itália. Alarmado, Leopold ordena com veemência que o filho parta para Paris — e Mozart, algo a contragosto, obedece, em março de 1778.

Na capital francesa, ele faz publicar, pelo editor Sieber, meia dúzia de obras escritas em Mannheim: as sonatas para violino e piano K. 301-306. Em 6 de outubro do ano anterior, Mozart escrevera ao pai, de Munique, e informara estar enviando para a irmã "*6 duetti per clavicembalo e violino* [seis duetos para cravo e violino] de Schuster [Joseph Schuster, 1748-1812]. Toquei-os bastante por aqui; não são nada maus. Se eu permanecer em Paris tempo suficiente, pretendo compor seis nesse estilo, pois são muito apreciados".

O fato de o instrumento de teclas vir antes do de arco no nome das obras é bastante eloquente a respeito da hierarquia entre eles na prática da época. Tratava-se de peças destinadas não a concertos de profissionais, mas à execução doméstica de amadores, nas quais o protagonismo era todo do teclado, cabendo ao violino uma função secundária, de duplicar a mão direita do pianista.

MAKSOUD PLAZA

Um Marco de Hospitalidade e Elegância



Maksoud Plaza
Hospitalidade, Elegância e Serviço Impecável!

APARTAMENTOS E SUÍTES | CENTRO GASTRONÔMICO 24 HORAS | 5.000 m² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS

Alameda Campinas, 150 - São Paulo - Brasil | Tel.: 11 3145-8000 | Toll Free: 0800.13.44.11

www.maksoud.com.br

Nos duetos de Schuster, contudo, o papel do violino é consideravelmente ampliado, e a *Sonata K. 301* reflete esse maior equilíbrio: no *Allegro con spirito*, por exemplo, o tema principal é anunciado pelo instrumento "acompanhador", para só depois ser tomado pelo piano. Dentro do estilo afrancesado que, não por acaso, é conhecido como "galante", a obra está vazada em dois movimentos, sendo o segundo um rondó. Há quem atribua seu estado de espírito ligeiro e cantável à paixonite de Mozart por Aloysia, embora analistas mais céticos — ou mais formalistas — prefiram enfatizar que o caráter "acessível" da peça se deve sobretudo ao fato de ser indicada a diletantes.

Curiosamente, o manuscrito evidencia que o compositor inicialmente pensou em destinar a sonata não ao violino, mas à flauta. Para alguns estudiosos, tal inclinação seria decorrente da proximidade do compositor com Wendling, enquanto outros mencionam sua relação com Ferdinand Dejean, médico da Companhia Holandesa das Índias Orientais e flautista, que teria encomendado a Mozart obras para o instrumento.

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Sonata para violino e piano nº 9 em lá maior, op. 47 — Kreutzer

Prolífico autor de óperas, o francês Rudolph Kreutzer (1766-1831) estabeleceu sua reputação, contudo, através do violino. Proprietário de um Stradivarius, ele foi, ao lado de Baillot e Rode, um dos pais fundadores da escola francesa do instrumento. Colaborativamente, a trindade escreveu um método de violino que moldou gerações de musicistas.

Em sua carreira de concertista internacional, Kreutzer visitou Viena em 1798 e conheceu Beethoven, que posteriormente o descreveu como um "querido e afável companheiro". Nada mais lógico, portanto, que a sonata para violino e piano que o compositor germânico dedicou a seu colega francês refletisse a personalidade musical deste último. Não foi assim, porém. Kreutzer jamais chegou a executar em público a criação de Beethoven, declarando "não estar à altura" da mesma — embora em privado classificasse a sonata de "incompreensível". O violinista de Versalhes não se reconhecia na peça do autor da *Nona sinfonia* simplesmente porque não era ele que Beethoven tinha em mente ao escrever a partitura. Na verdade, a obra corresponde à intensa e tumultuada relação do músico de Bonn com outro violinista: George Augustus Polgreen Bridgetower (1788-1860).

Polonês de nascimento e inglês de passaporte, Brigetower era mestiço, com pai das Índias Ocidentais e mãe europeia. Especula-se que tenha estudado com Haydn (professor de Beethoven) em Esterháza; o certo é que fez sua estreia em Paris, nos Concerts Spirituels, aos dez anos de idade, mudando-se em seguida com o pai para a Inglaterra, onde o menino-prodígio era anunciado como "filho do Príncipe Africano". Obteve permissão para visitar a mãe em Dresden, em 1802, e os concertos que deu por lá foram recebidos com um entusiasmo que lhe garantiu cartas de apresentação para a corte vienense. Na capital austríaca, conheceu Beethoven, tocando com ele, em 24 de maio de 1803, a sonata que ouviremos hoje — nona das dez obras do gênero que o compositor escreveu para violino e piano. É, assim, o caráter de Bridgetower que a obra reflete, como está escrito no manuscrito de Beethoven, em italiano: "*sonata mulattica, composta per il mulatto Bridschdauer* [sic], *gran pazzo e compositore mulatto*". O problema é que, em 1805, as relações entre o compositor e o *gran pazzo* (grande louco) haviam esfriado consideravelmente — ao que parece, devido

SUA MELHOR ESCOLHA

- Uma das Big 5
- Líder no middle market
- Mais de 15 escritórios no Brasil
- Audit | Tax | Advisory

www.facebook.com/bdobrazil

www.twitter.com/bdobrazil

www.bdobrazil.com.br

a um assunto envolvendo mulheres. Assim, a peça acabou sendo dedicada a Kreutzer.

Contemporânea da *Sinfonia nº 3 — Heroica*, a sonata tem em comum com a obra sinfônica não apenas a força retórica, como a decisiva ampliação de seus meios de expressão. Não parece exagero classificar de concertante o virtuosismo exigido do violinista, enquanto o pianista, por seu turno, deve extrair do instrumento uma sonoridade orquestral. Brilhante síntese de sonata e concerto, a obra inspiraria, décadas depois, uma das mais célebres criações literárias de Lev Tolstoi (1828-1910): a novela *A sonata a Kreutzer* (1891), narrativa sobre o poder da música sobre as pessoas — que o escritor russo via como incontrolável e, portanto, assustador.

Ao narrar uma execução da obra de Beethoven por sua mulher e o futuro amante dela, o narrador da obra de Tolstoi declara: "sobre mim, pelo menos, esta peça atuou de um modo terrível; abriram-se como que sentimentos novos, parecia-me, novas possibilidades que eu até então não conhecera". E, assustado com a força do mundo sonoro do compositor alemão, sentencia: "na China, a música é um assunto de Estado. E assim deve ser. Pode-se acaso permitir que todo aquele que o queira hipnotize outra pessoa, ou muitas outras, e depois faça com elas o que quiser?".

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

Sonata para violino e piano

"Nada poderá me servir de desculpa por ter, neste ponto, esquecido a tradição inscrita na obra de Rameau, repleta de achados geniais tão singulares", registrou certa vez o compositor francês Claude Debussy. No final da vida, ele teria a chance de saldar essa dívida com o barroco de seu país: instigado pelo editor de música Jacques Durand, embarcou no projeto de escrever meia dúzia de sonatas para diversos instrumentos, homenageando os mestres do século XVIII. O ano era 1914. A eclosão da I Guerra Mundial parecia ter despertado os instintos patrióticos do autor de *La mer*, que assinou o ciclo como "Claude Debussy, músico francês", dedicando as obras a sua segunda esposa, Emma Bardac.

A morte do compositor, em 1918, consumido pelo câncer que o debilitava desde 1910, deixou o projeto pela metade. Das seis sonatas planejadas, ele concluiu apenas três: a primeira, para violoncelo e piano, depois uma para flauta, viola e harpa (ambas em 1915) e, finalmente, uma para violino e piano (1917). "Para muita gente, elas não vão ser tão importantes como um drama lírico", escreveu o compositor, "mas, para mim, parecem prestar um serviço maior à música".

Extremamente debilitado pela enfermidade que o devastava, em outubro de 1916 Debussy se debruçou sobre a obra que ouviremos. Concluiu-a, mas a duras penas. Como nota Paul Roberts, seu biógrafo, "a fragilidade desse belo canto do cisne atesta seu estado combalido, mas ele, equivocadamente, considerou a obra de má qualidade". O compositor teria dito que se tratava apenas de um exemplo "do que um homem doente podia compor durante uma guerra". Debussy concebeu suas três sonatas finais, em suas próprias palavras, "à moda antiga, flexível, com nada da grandiloquência das sonatas modernas". Em um período de guerra contra os alemães, a ideia era se distanciar do clássico modelo austro-germânico. Enquanto o primeiro movimento adota, em linhas gerais, a forma-sonata, o segundo, *Fantasque et leger* (Fantástico e ligeiro), introduz, como o próprio nome indica, um caráter de divertimento. O terceiro foi comparado pelo compositor a "uma cobra que tenta morder a própria cauda", devido a sua fisionomia de moto perpétuo.

DO CAMPO À MESA, UMA PONTE QUE INTEGRA O MUNDO.

Não há nada mais fundamental que o alimento e a energia.

A Bunge é uma ponte, uma via eficiente, confiável e segura que leva os produtos agrícolas das fazendas ao mercado global, desde o dia em que são colhidos até o dia em que serão necessários, das regiões de abundância para regiões de escassez.

Na Bunge, nossa responsabilidade é ajudar a fazer com que os alimentos e a energia estejam mais disponíveis e acessíveis.

Conheça mais acessando: **www.bunge.com.br**

BUNGE

A estreia da peça, na Sala Gaveau, em Paris, em 5 de maio de 1917, teve Gaston Poulet ao violino e o próprio Debussy ao piano — sua última aparição pública. O precário estado de saúde do compositor talvez ajude a explicar por que ele conferiu a seu instrumento uma parte de menor dificuldade do que a do violino, cuja gama é explorada ao máximo — do sol em corda solta (a nota mais grave que ele pode emitir) a um agudíssimo dó sustenido, três oitavas acima do dó central.

EDVARD GRIEG (1843-1907)

Sonata nº 3 em dó menor para violino e piano, op. 45

Na segunda metade do século XIX, a Noruega enfrentava uma situação política conturbada: crescia o clima de contestação da união política com a Suécia, que durava desde 1814 e que seria encerrada em 1905, com o rompimento unilateral, pelos noruegueses — na prática, uma declaração de independência. A esse nacionalismo em ebulição correspondia um florescimento cultural, com a atuação, em distintas áreas, de criadores cujas famas transcenderam largamente as fronteiras da Escandinávia: no teatro, o dramaturgo Henrik Ibsen (1828-1906); nas artes plásticas, o pintor Edvard Munch (1863-1944); e, na música, o compositor Edvard Grieg (1843-1907).

Mais célebre musicista norueguês de todos os tempos, Grieg utilizou o folclore de sua terra como matéria-prima de uma produção que reivindicava para si um "caráter nacional". Nisso, pode ser considerado influenciador do nacionalismo musical brasileiro, já que o principal precursor dessa escola entre nós, o cearense Alberto Nepomuceno (1864-1920), que era casado com uma norueguesa, frequentou a casa de Grieg, bebendo avidamente em sua fonte.

Miniaturas pianísticas como as *Peças líricas*, as duas suítes de *Peer Gynt* (música incidental para a peça homônima de Ibsen), a *Suíte Holberg* (em homenagem ao dramaturgo do século XVIII) e o *Concerto para piano em lá menor* (fortemente inspirado na obra análoga de Schumann) são as obras de Grieg mais executadas nos dias de hoje. Na música de câmara, sua contribuição é modesta, incluindo um quarteto de cordas, uma sonata para violoncelo e piano, além de três sonatas para violino e piano. Sobre essas últimas, o compositor afirmou: "Elas caracterizam períodos da minha evolução: a primeira, ingênua e profícua em ideias; a segunda, nacionalista; a terceira, voltada para mais vastos horizontes".

Há um hiato de duas décadas entre a segunda e a terceira sonata para violino e piano. Obra de maturidade, essa última corresponde a um período em que, além de compor, Grieg se dedica a turnês internacionais de concertos, como regente e pianista — nesse último caso, ocasionalmente acompanhando a mulher, Nina, que interpretava as canções do marido.

Na tonalidade de dó menor (suas duas coirmãs, a primeira e segunda sonatas para a mesma formação, foram escritas em tonalidades maiores), a *Sonata nº 3 para violino e piano* foi concluída em janeiro de 1887, com primeira audição em dezembro do mesmo ano, na sala Gewandhaus, de Leipzig — cidade alemã em cujo conservatório o compositor estudou. O próprio Grieg tocou piano, tendo como parceiro, ao violino, o russo Adolph Brodsky (1851-1929), ao qual Tchaikóvski dedicara o célebre concerto que escreveu para o instrumento. Empregando melodias e danças de sabor nórdico, Grieg constrói uma obra firmemente ancorada nas formas clássicas, porém com toda a retórica do Romantismo: o trágico, o lírico e o lúdico se sucedem, culminando em uma triunfante apoteose final.

Eu li
que ler faz
os neurônios
se multiplicarem.
Li que
o homem
já é capaz
de viver sem
coração.
Li que
alguns políticos
não viviam sem
mesada.
Li sobre
empresários que
preferem ficar
mudos.
E li
sobre um
elefante
que fala.
Li que
frutos do mar
são a especialidade
da Escandinávia.
Li que
festa é a
especialidade de
Cuba.
Li que
nem tudo
é festa na
União Europeia.
Li que
a Receita terá
arrecadação
recorde.
Li que
o homem
mais rápido do
mundo atinge
44 km/h.

Por que você
acreditaria em
tudo isso?
Porque eu li.

QUER SABER MAIS?
ASSINE ESTADÃO

0800 014 9000
estadao.com.br/assine

@Estadao /estadao

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Patrícia Moraes
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Ricardo Becker

Superintendente
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Milú Villela
Aluízio Rebello de Araújo
Antônio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Marcelo Kayath
Pedro Herz
Plínio José Marafon

Conselho Consultivo
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz

PROGRAMA DE SALA — EXPEDIENTE

Supervisão geral
Silvia Pedrosa
Edição
Maria Emília Bender
Projeto gráfico
Paulo Humberto Ludovico de Almeida
Editoração eletrônica
Ludovico Desenho Gráfico
Fotos da capa
Timothy White (Bell) e Divulgação (Bax)
Assessoria de imprensa
Gabinete de Comunicação

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Diretora Musical e Regente Titular (2012-2016)
Marin Alsop

Regente Associado (2012-2016)
Celso Antunes

Regente Convidado de Honra (2012-2013)
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Organização Social de Cultura

Presidente de Honra
Fernando Henrique Cardoso

Presidente do Conselho de Administração
Fábio Colletti Barbosa

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Heitor Martins

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing
Carlos Harasawa Diretor
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Ângela Sardinha
Cristiano Gesualdo
Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

Apoio a Eventos
Felipe Lapa

Departamento Técnico
Ronald Góes Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Erik Klaus Lima Gomides
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas

Iluminação
Carlos Eduardo Soares da Silva
Pedro Barreto de Souza

Sonorização
Fabio Tsuneo Sena Santos Miyahara

Montagem
João André Blásio
Rodrigo Batista Ferreira

Controlador de Acesso
Sandro Marcello Sampaio de Miranda Encarregado

Indicadora
Sabrine Ferreira Encarregada

REALIZAÇÃO

Cultura artística 2013

23 e 24 de abril
ORQUESTRA **SINFÔNICA DE MONTREAL**
KENT **NAGANO** Regência

6 e 7 de maio
YO-YO **MA** Violoncelo
KATHRYN **STOTT** Piano

23 e 24 de maio
ORQUESTRA DE CÂMARA **FRANZ LISZT**
EMMANUEL **PAHUD** Flauta

2 e 5 de junho
QUARTETO **BORODIN**

24 e 25 de junho
ORQUESTRA REAL DO **CONCERTGEBOUW**
MARISS **JANSONS** Regência
DENIS **MATSUEV** Piano

29 e 31 de julho
PIOTR **ANDERSZEWSKI** Piano

31 de agosto e 1 de setembro
JOSHUA **BELL** Violino
ALESSIO **BAX** Piano

18 e 21 de setembro
GABRIELA **MONTERO** Piano

19 e 20 de outubro
ORQUESTRA SINFÔNICA **FINLANDESA DE LAHTI**
OKKO **KAMU** Regência

2 e 6 de novembro
COMBATTIMENTO **CONSORT AMSTERDAM**
QUIRINE **VIERSEN** Violoncelo

Datas e programação sujeitas a alterações.

BLOCO DE NOTAS

Gioconda Bordon
gioconda@culturaartistica.com.br

STRADIVARIUS E TOURTE: UM PAR PERFEITO

O violino de Joshua Bell, um Stradivarius fabricado em 1710, foi adquirido em 2001, por cerca de 3,5 milhões de dólares— os instrumentos de cordas feitos por Antonio Stradivari (1644-1737) são poucos e custam mesmo pequenas fortunas. Nas raras ocasiões em que um deles é colocado à venda, a atenção da imprensa se volta para as altas cifras que alcança. Um violino, uma viola ou um violoncelo com a assinatura Strad é uma jóia, uma obra-prima. No entanto, pouco se fala sobre o arco, mão direita do violino, sem o qual o musicista não conseguiria mais do que alguns *pizzicati*. Qualquer instrumento de cordas friccionadas não existe sem o arco, e este também precisa ser de boa procedência, pois um depende do outro, são como unha e carne; arco e violino devem ser assim como um par perfeito.

Os arcos, bem como os violinos, também são identificados por sua origem. Os *archetiers* (arqueteiros, isto é, os fabricantes de arcos) mais célebres não são italianos, mas franceses; o Stradivari dos arcos é François Tourte [1747-1835], que aprendeu o ofício com o pai, o luthier Nicolas Pierre Tourte [1700-64]. François Tourte introduziu mudanças fundamentais na confecção do arco para o violino, a começar pela madeira usada em sua fabricação — foi o primeiro a confeccioná-lo com o pau-brasil. Mudou também seu tamanho, tornando-o alguns centímetros mais longo, e inverteu a curvatura do côncavo para o convexo — a mais produtiva de suas inovações, conferindo mais expressividade ao som extraído. Juntas, essas transformações possibilitaram o desenvolvimento de novas técnicas, e o violino alcançou um novo status, ganhando composições mais complexas, que passaram a exigir graus mais altos de virtuosismo. Dessa forma, entende-se que um arco fabricado pelo francês François Tourte pode ser considerado como o parceiro ideal para um Stradivarius, ou um Guarneri, como são chamados os violinos feitos por Giuseppe Guarneri (1698-1744) — outro nome aristocrático da luteria europeia. Embora a tecnologia tenha propiciado a confecção de arcos a partir da fibra do carbono, que dão conta de uma boa performance, os assinados por Tourte são, disparado, ainda os melhores.

Joshua Bell usa um desses arcos esculpidos pelas mãos do mestre francês no século XVIII. Nas artes marciais como nas musicais, um objeto como uma espada ou um arco, pela possibilidade de responder com instantânea eficácia às intenções de seu portador, transforma-se numa extensão do braço que o empunha. Um arco de alta qualidade, usado por um músico de muito talento e habilidade, aprofunda o som das vozes mais puras e plenas deste instrumento.

Joshua Bell tem um arco e um violino que estão entre os melhores do mundo. Fará com eles um belíssimo concerto.

LES AMIS DU CREDIT SUISSE

INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com

Apoiar a cultura também faz parte da tradição do Safra.

O Banco Safra tem contribuído para o resgate, preservação e divulgação da cultura no país. Ao longo dos anos, vem apoiando projetos e manifestações artísticas, valorizando a riqueza e a diversidade cultural do povo brasileiro.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234 - Atendimento personalizado de 2ª a 6ª feira das 9h00 às 19h00, exceto feriados. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditiva e Fala / SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755 - Atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. OUVIDORIA (caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito/a): 0800 770 1236 - Atendimento personalizado, de 2ª a 6ª feira, das 9h00 às 18h00, exceto feriados.

Banco Safra

Tradição Secular de Segurança